

ENTREVISTA

CORPO ESTRANHO*

Sylvie Le Poulichet^{**}, psicanalista francesa, é autora do livro intitulado *Toxicomanies et psychanalyse; les narcoses du désir* (1987), traduzido para a língua espanhola pela Editora Amorrortu e inédito em português, fruto de sua tese de doutoramento, orientada pelo Prof. Pierre Fedida.

Nesse texto, bem como em artigos nos quais trata do tema das toxicomanias, a autora apresenta uma teorização da toxicomania que muito contribui com a clínica psicanalítica. Trata-se de uma rigorosa pesquisa metapsicológica sobre o tema.

Apresentaremos alguns de seus conceitos principais, apesar de suas publicações mais recentes tratarem de transtornos alimentares, como a bulimia e a anorexia, tema que, por ocasião da entrevista, a autora menciona que ocupam seu atual percurso de trabalho.

A homogeneização da toxicomania, o relevo dado a esta entidade em detrimento do sujeito toxicômano, bem como a indiferenciação entre as toxicomanias e os usos de drogas são algumas das temáticas que iniciam seu texto. Criticando as posturas hegemônicas, Le Poulichet afirma que, longe de serem consideradas erros, estas revelam o espírito do tóxico presente nos discursos sociais. Esse espírito pode ser observado nas leis que se aplicam a todos os toxicômanos; no objeto de discurso privilegiado que a toxicomania oferece quando aparece como um espelho das imagens sociais da intoxicação, da epidemia e do flagelo social e, também, ao apresentar o imaginário do tóxico que, na atualidade, cria uma teoria orgânica da psique.

Para sair do campo organicista das drogas e entrando no campo psíquico, a autora utiliza-se do conceito de farmakon. Resgata as idéias de Derrida,

* Entrevista realizada por maile traduzida por Lucia Alves Mees e Otávio Augusto Winck Nunes.

** E-mail: sylvie.le.poulichet@ifrance.com

tomadas de Platão, e aponta para a possibilidade de o farmakon poder ter a propriedade de remédio como a de veneno. Diz a autora:

“O farmakon não seria, nas toxicomanias, senão o remédio de um sofrimento ‘insuportável’. Quando fixa-se o inefável numa operação, esse é já um segundo tempo, o momento de uma retirada, produziu-se uma fratura que entregou a palavra e o pensamento ao transtorno de um ‘corpo estranho’ tóxico” (1987/1990. p. 12).

Apesar de o princípio do farmakon estar presente no caso do uso de drogas, a operação farmakon seria própria das toxicomanias. Pela via do tóxico o sujeito pretende escapar do que imagina ser o comando do Outro. Esse é o remédio encontrado para quem possui um “eu constituído como uma resposta que realiza instantaneamente o gozo de um Outro” (Le Poulichet, 1994/1996, p. 112)¹.

A operação farmakon “representa um cancelamento tóxico da dor e uma representação do objeto alucinatório” (p. 67). Assim, revela um mundo contínuo no qual todas as diferenças se esvanecem, já que a descontinuidade é insuportável para o sujeito, em função de uma carência da função simbólica. O corpo está, desta forma, defendido de toda diferença. “O tóxico não é a droga” diz Le Poulichet (1987/1990, p. 80). O que pode fazer da droga um tóxico é o lugar que o corpo assume na relação com o Outro. O tóxico é uma tentativa de constituição de dualidade com a droga, eliminando qualquer terceiro dessa relação.

A autora exemplifica a relação tóxica estabelecendo semelhança com a hipnose. Nesta, o corpo fica diretamente ligado à presença e às sugestões do outro. Assim, a droga poderá transformar-se em tóxico quando estiver no lugar do hipnotizador, deixando o corpo totalmente entregue aos seus efeitos, apresentando-se, ao mesmo tempo como um corpo estranho químico.

As lógicas da suplência e do suplemento são ainda grandes contribuições da autora quando trata da clínica dos sujeitos toxicômanos. Deixamos ao leitor a tarefa de descobri-las nos textos de Le Poulichet listados a seguir ou nos textos desta revista.

LE POULICHET, Sylvie. *Toxicomanias y psicoanalysis; las narcosis del deseo*. Traduzido por J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

_____. *Se faire un corps étranger*. *Nouvelle Revue de Psychanalyse: L'excès*. Paris, n. 43, 1991, p.10-20.

_____. *O tempo na psicanálise*. Traduzido por M. Comaru. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1996.

_____. (org.). *Les addictions*. Paris: PUF, 2001.

¹ As citações do texto de Le Poulichet (1987/1990) que aqui constam foram traduzidas pela autora da versão castelhana da obra.

REVISTA: Em seu artigo *As identificações aditivas inconscientes* (2001) a Sra. escreve a respeito de uma forma de organização da identificação aditiva inconsciente específica. A Sra. pensa que o toxicômano tem sempre necessidade de inventar um novo corpo, para aí tentar fazer-se sujeito?

S. LE POULICHET: Penso, com efeito, que as toxicomanias constituem, sempre, uma maneira de “fazer-se um corpo estranho/estrangeiro”, a fim de escapar de uma dependência bem mais radical do que a da droga: o verdadeiro “tóxico” (no sentido freudiano) não seria a droga, mas uma forma de aspiração nadificante num Outro todo-poderoso. E, paradoxalmente, a droga age como automedicação contra esta ameaça, inventando um novo envelope corporal. As toxicomanias põem em jogo os “processos de engendramento de corpos estranhos/estrangeiros” que se entendem sob a referência a isso que eu nomeei “identificação toxicômana”, ou seja: o imperativo de ingerir ou de se injetar um corpo estranho/estrangeiro tóxico, a fim de tornar-se um corpo estranho/estrangeiro, isto é, tornar-se a cada dia nisso que incorpora.

REVISTA: A Sra. pensa que podemos compreender as toxicomanias como uma espécie de máscaras psíquicas que servem para esconder as estruturas psíquicas?

S. LE POULICHET: A clínica nos mostra que algumas toxicomanias podem mascarar ou anestesiar toda uma sintomatologia ligada a uma estrutura psíquica, mas acontece também de que uma estrutura psíquica não tenha podido se cristalizar e que a identificação toxicomaniaca aja, então, como um “processo-limite”: um conjunto de passagens de limites ou de fronteiras utilizado por um “Eu/Je” que pode advir, mas que não se pode reter! (Ver sobre este assunto meu último livro: *Psychanalyse de l'informe*, Ed. Aubier-Flammarion, 2003).

REVISTA: Tem-se, sempre, a idéia de que o trabalho clínico com pacientes toxicômanos impõe condições específicas aos psicanalistas, seja no nível da transferência, seja no enquadre; neste sentido, como a Sra. pensa nessas modificações dos tratamentos com pacientes toxicômanos?

S. LE POULICHET: As modificações a nível do manejo do enquadre ou da transferência devem certamente ser reinventadas em cada cura, com esses pacientes. Não existe um “modelo” único de ordenação, pois existem diferentes tipos de toxicomanias enxertados em organizações psíquicas diversas.

REVISTA: Qual é, do seu ponto de vista, o lugar da psicanálise e do psicanalista na direção da cura com pacientes toxicômanos?

S. LE POULICHET: Os toxicômanos – é preciso reconhecer – não vêm freqüentemente consultar um psicanalista, mas o lugar da psicanálise é determinante para dar à equipe de cuidado, ou terapeutas, referências não normativas, permitindo conduzir, sem prejuízo, uma cura psicoterapêutica.

REVISTA: A partir de sua experiência, o que se pode, enquanto psicanalista, esperar de um tratamento com pacientes toxicômanos?

S. LE POULICHET: Pode-se esperar uma transformação da toxicomania como “formação narcísica” em toxicomania como “formação de sintoma”, na transferência. A partir daí, a toxicomania toma um lugar secundário, um outro sentido, e ela pode desaparecer enquanto se trabalha na terapia da relação ao desejo do Outro.

REVISTA: A Sra. pensa que exista uma aproximação entre as toxicomanias e as estruturas clínicas? E, neste sentido, pode-se dizer que exista uma estrutura mais suscetível às toxicomanias?

S. LE POULICHET: Todas as “estruturas” são mais ou menos *flutuantes*: desde as neuroses até as psicoses, passando pelos traços perversos e as perturbações do narcisismo. As toxicomanias são diferentes, conforme os conflitos psíquicos específicos aos quais estão ligadas, mas seu ponto em comum é o de representar uma automedicação contra a angústia.

REVISTA: Em sua opinião, será que se poderia fazer uma escuta psicanalítica ao mesmo tempo em que o paciente está fazendo um processo de desintoxicação num hospital?

S. LE POULICHET: Uma escuta psicanalítica não me parece possível no momento em que o paciente está em processo de desintoxicação no hospital. Outros membros de uma equipe de tratamento podem, então, propor a sustentação terapêutica.

REVISTA: A Sra. pensa que é necessário associar a um dispositivo clínico individual outras formas de tratamento, sejam institucionais, sejam grupais, e intervenções de uma equipe interdisciplinar (psiquiatra, assistente social, médico, etc.)?

S. LE POULICHET: Sim, esses outros tipos de abordagens são, por vezes, indispensáveis para os pacientes mais frágeis e mais dessocializados, mas existem casos nos quais os pacientes se evadem mais facilmente, evitando todos os laços que lhes dão a “etiqueta” de toxicômano.

REVISTA: A Sra. pensa que as toxicomanias representam a maneira mais extrema, a mais caricata, o porta-retrato de nossa sociedade de consumo?

S. LE POULICHET: Em minha opinião, não se pode simplificar o problema de maneira geral, mas é verdade que nossa sociedade de consumo destrói alguns laços para fabricar sistemas de dependência.

REVISTA: A Sra. está de acordo com a idéia de que há uma espécie de similaridade entre o uso de uma droga lícita e uma droga ilícita na medida em que se pode compreender que o uso de drogas é signo de uma “sociedade química”?

S. LE POULICHET: Nossas sociedade “pós-industriais” às vezes favorecem ou provocam o uso de drogas lícitas, para indivíduos que devem, de todos os meios, adaptar-se a uma avaliação contínua de suas performances. Nesse sentido, há, com efeito, um ponto de similaridade entre o uso de drogas lícitas e o de drogas ilícitas.

REVISTA: A Sra. faz, também, uma aproximação entre a toxicomania e a adolescência? A Sra. pensa que a toxicomania é um sintoma da adolescência ou o toxicômano é sempre “psiquicamente adolescente”?

S. LE POULICHET: Uma aproximação entre toxicomania e adolescência me parece muito simples e rápida. As crianças pequenas cheiram cola, gasolina ou detergentes, a fim de se anestesiarem, pois elas se sentem em perigo, sem proteção e são invadidas por angústias extremas. Paralelamente, algumas pessoas começam a usar drogas na idade adulta, por exemplo, para lutar contra as angústias que os acontecimentos traumáticos despertaram. Não se pode, portanto, referir-se sempre ao modelo da adolescência.

REVISTA: E, para terminar, a Sra. pensa que as toxicomanias, assim como a bulimia e a anorexia, têm valor psíquico comparável à noção de neurose do narcisismo?

S. LE POULICHET: Se o que eu chamo de uma “formação narcísica” (no meu livro *Toxicomanies et psychanalyse; les narcoses du désir*. Paris: PUF, 1987) permite inventar um novo estatuto do corpo para colocá-lo a salvo do terror e para tentar colocar uma questão fundamental ao Outro primordial, eu penso, com efeito, que as toxicomanias, a bulimia e a anorexia obedecem à mesma lógica.